

FRAMTIDEN VAR I GÅR / 1986
“O Futuro Foi Ontem”

Realização: Solveig Nordlund / **Fotografia:** Gunnar Kallstrom / **Som:** Cvetan Slepcev / **Montagem:** Giuseppe Giacobino / **Mistura:** Torbjorn Valham / **Cenografia:** Bjorn Granath / **Produção:** Sveriges Television / **Cópia:** ficheiro, 30 minutos, versão original em sueco e inglês legendada eletronicamente português / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

ESCREVER, ESCREVER, VIVER – ANTÓNIO LOBO ANTUNES / 2009

Realização: Solveig Nordlund / **Imagem:** Acácio de Almeida, Solveig Nordlund, Luís Correia, Martina Iverus / **Som:** Olivier Blanc, Nuno Carvalho, Tommy Ottejber / **Montagem:** Renata Sancho / **Música:** Pedro Marques / **Com a participação de:** Marianne Eyre, Mats Gellerfeldt, Robert Weil / **Actores:** / Pedro Carmo, Sofia Aparício, Eliseu e Maria João, Sara Moura / **Vozes:** Pedro Carmo, Orlando Costa, Lia Gama, Sofia Aparício, José Airoso, Eliseu Beja / **Textos Extraídos de:** *Os Cus de Judas, Memória de Elefante, Fado Alexandrino, Livro de Crónicas, A Morte de Carlos Gardel* / **Produção:** Âmbar Filmes, RTP2 / **Cópia:** ficheiro, 54 minutos, versão original legendada em português / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Para além de terem o nome da realizadora em comum, os dois filmes desta sessão estão ligados de forma evidente pela temática (a literatura) e resultam da admiração continuada de Solveig Nordlund por dois escritores cujas obras serviram também de base a alguns dos seus trabalhos de ficção. No caso de J.G. Ballard, a realizadora adaptou por três vezes histórias retiradas dos seus livros (*Low Flying Aircraft* em **Aparelho Voador em Baixa Altitude**, *13 to Centaurus* e *Having a Wonderful Time* nas curtas **En Otrolig Semester** e **Resan till Orion**, respectivamente de 1986 e 1994) Quanto a António Lobo Antunes, já objecto de um seu documentário anterior (**António Lobo Antunes**, 1998), Nordlund adaptou ao cinema o seu romance **A Morte de Carlos Gardel** no filme de 2011 com o mesmo título.

Dois retratos de escritores muito diferentes e ao mesmo tempo duas abordagens dos seus universos e processos literários com algumas semelhanças. Os retratos de artistas (sejam eles escritores, como neste caso, ou praticantes de qualquer outra arte não visual) levantam muitas vezes a questão de, para além de tentarem “capturar” a personalidade do autor, procurarem traduzir a essência da palavra literária para as imagens de um filme. No caso dos dois documentários desta sessão, Solveig Nordlund escolheu concentrar-se na identidade dos seus retratados e fazer dos seus depoimentos o foco principal, utilizando pontualmente o recurso da “ilustração” mais directa dos textos das suas obras como mero suporte visual da nossa atenção. Com resultados distintos, estas duas incursões pela personalidade de dois escritores e pelos bastidores dos seus processos de trabalho assentam em entrevistas, figura dominante do documentário televisivo (que é a origem directa destas duas produções de Nordlund), mas que aqui é tratada de forma relativamente mais interessante do que a mera coleção de depoimentos avulsos. Pode dizer-se que, em qualquer dos dois casos, e mesmo que quase não faça sentir a sua presença, a realizadora conversa com os dois escritores mais do que coloca questões pré-escritas e destinadas a cumprir um guião de entrevista formatado.

Dos dois, **Framtiden Var I Går/“O Futuro Foi Ontem”** será porventura o objecto mais interessante, o que resultará tanto das opções da realizadora neste retrato de J. G. Ballard (1930-2009) como da própria personalidade do retratado. Mais curto e mais “focado”, **“O Futuro Foi Ontem”** foi produzido para a televisão sueca e tem Ballard como único “intérprete” e a sua casa como principal décor (sobram apenas alguns momentos visuais evocativos, mais do que descritivos, do universo ficcional de alguns dos seus livros mais conhecidos como *Crash* e *High Rise*). Vivendo uma existência rotineira nos antípodas das narrativas dos seus livros ao longo da uma carreira tão bem sucedida como avessa a qualquer mudança de hábitos, Ballard é o reverso da imagem do escritor-estrela, encarando o seu próprio êxito com bastante distanciamento e ironia (o momento em que responde sobre o que poderia ter mudado na sua vida quando *Empire of the Sun* se tornou num *best seller*, e diz, com um humor seco muito inglês, que rigorosamente nada ficou diferente (embora não se importasse se tivesse havido algum sobressalto). Na pacatez da sua anódina moradia num subúrbio de Londres, Ballard encontrou o refúgio para imaginar mundos bem mais terríveis ou perturbadores, como se a sua vivência traumática em criança da invasão da China pelo Japão em 1937 (revisitados nesse livro) o tivessem “curado” de qualquer veleidade de viver em tempos mais interessantes. No antigo quarto de brincar dos seus três filhos e longe do ruído do mundo, Ballard produziu uma fascinante série de visões distópicas do futuro alimentadas pela sua leitura de sintomas ainda não completamente legíveis no presente (como refere o bem escolhido título deste documentário). Sendo um escritor relativamente afortunado pelas adaptações dos seus livros, colocamos a hipótese de haver já na sua escrita uma específica qualidade cinematográfica que facilita o trabalho dos realizadores que nela mergulham (Steven Spielberg e David Cronenberg que o digam), o que parece encontrar confirmação na opinião de Nordlund (“penso que todas as histórias de J. G. Ballard são filmáveis”). Só a falta de reconhecimento da nobreza da ficção científica enquanto género literário terá impedido uma valorização mais precoce da obra de Ballard (injustiça que, por uma vez, o cinema foi capaz de ajudar a minorar ao ter criado muitos novos leitores para os seus livros).

No belo final de **“O Futuro Foi Ontem”**, despedimo-nos de Ballard e da sua existência surpreendentemente banal. Enquanto cai o crepúsculo sobre a tranquilidade do exterior da residência do escritor, chegam-nos os ecos de um mundo bem mais agitado através do noticiário nocturno da BBC que Ballard diz ouvir todas as noites. Quase em *trompe l’oeil*, o plano onde correm os créditos finais substitui a casa real de Ballard por um quadro de Magritte (já de alguma forma evocado, mas não por ele explicitamente mencionado, quando reclamava a profunda inspiração do surrealismo no seu trabalho).

Passamos em **Escrever, Escrever, Viver** para o retrato de outro fino observador do surrealismo quotidiano. Nem por acaso, a especialização profissional de António Lobo Antunes como médico psiquiatra será inevitavelmente convocada como uma das portas de entrada na sua obra (mesmo que o próprio tenha sempre defendido que essa formação foi bastante inútil para a sua prática como escritor). Recuperando imagens do documentário anterior de Norllund sobre o escritor (nomeadamente os planos filmados a partir do teleférico do Jardim Zoológico de Lisboa com a narração em *off* de excertos de *Os Cus de Judas*, e que eram uma das melhores ideias visuais desse filme, e uma conversa filmada em 1997), reencontramos Lobo Antunes em 2008 no pico da sua afirmação internacional. Parte do material foi filmada na Feira do Livro de Guadalajara e num momento particular da sua consagração pública como escritor (uma *masterclass* para centenas de fãs em que ele se mete com facilidade no papel de uma quase *pop star*), o qual estaria a preparar a sua retirada discreta da cena literária (depois do suposto penúltimo livro que tinha então acabado de escrever e que vemos no filme sob a forma de primeiras provas, **Que Cavalos São Aqueles que Fazem Sombra no Mar**, já foram publicados mais sete romances e dois livros de crónicas...). Sente-se que essas imagens do escritor mundano funcionam um pouco como caução do próprio filme (como se dissesse, “vejam como Lobo Antunes é importante”), o que acaba por relativizar a modéstia com que

nos momentos mais reservados da conversa com Nordlund ele se apresenta como o praticante abnegado de um ofício que obriga a uma grande solidão e ao contacto permanente com as zonas mais insondáveis da nossa humanidade. Nesses que são os melhores momentos de **Escrever, Escrever, Viver** - longe dos holofotes da chamada cena literária -, acedemos a um vislumbre da natureza tocantemente melancólica que atravessa toda a obra de Lobo Antunes. Fruto talvez da experiência directa da guerra ter marcada tanto Ballard (na infância) como Lobo Antunes (enquanto jovem adulto), essa melancolia acaba por aproximar os dois escritores para além de todas as diferenças dos seus mundos no momento em que foram retratados por Solveig Nordlund.

Nuno Sena